

---

## EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL E POLÍTICO

Antonio Fernando Santos <sup>1</sup>

---

### Resumo

Quase um século depois das primeiras tentativas de organizar um programa de educação sexual nas escolas brasileiras, o "sexo bem educado" certamente não pertence mais ao universo positivista e eugenista das primeiras décadas do século XX. O novo "sexo bem educado" passou agora a ocupar territórios vizinhos, como a ideia de "sexo responsável", "sexo saudável" e "sexo seguro". Se relacionarmos o processo de escolarização à disciplinarização dos corpos de crianças e jovens, veremos que a educação do sexo encontrou seu lugar privilegiado na escola desde muito cedo. O referido trabalho tem como finalidade abordar a trajetória da educação sexual em seu contexto histórico, sócio e político desde o século XIX até os dias atuais. Através de uma pesquisa bibliográfica foi feita uma análise dos fatos que marcaram a produção discursiva e as práticas pedagógicas da educação sexual no cenário nacional, bem como destacamos os intelectuais sergipanos que nas décadas de 1920 à 1960 defendiam e acreditavam na coeducação.

**Palavras Chaves:** educação sexual, práticas escolares, diversidade sexual.

---

## SEXUAL EDUCATION IN THE HISTORICAL, SOCIAL AND POLITICAL CONTEXT

---

### Abstract

Almost a century after the first attempts to organize a sex education program in Brazilian schools, "well-educated sex" certainly no longer belongs to the positivist and eugenic universe of the first decades of the twentieth century. The new "well-educated sex" has now come to occupy neighboring territories, such as the idea of "responsible sex", "healthy sex" and "safe sex." If we relate the process of schooling to the disciplinarization of the bodies of children and young people, we will see that sex education has found its privileged place in school from an early age. The purpose of this work is to address the trajectory of sexual education in its historical, socio - political and political context from the 19th century to the present day. Through a bibliographical research was made an analysis of the facts that marked the discursive production and pedagogical practices of sexual education in the national scenario, as well as the sergipe intellectuals who in the 1920s and 1960s defended and believed in coeducation.

**Keywords:** sexual education, school practices, sexual diversity.

---

<sup>1</sup> [fernando.pedagogo@gmail.com](mailto:fernando.pedagogo@gmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

A identidade de gênero consiste no modo como o indivíduo se identifica com o seu gênero. Em resumo, representa como a pessoa se reconhece: homem, mulher, ambos ou nenhum dos gêneros. Sendo assim, o que determina a identidade de gênero é a maneira pela qual a pessoa se sente e se percebe, assim como a forma que está deseja ser reconhecida pelas outras pessoas. De acordo com Silva (2017, p. 18): “Reconhecer as diferenças implica um rompimento com preconceitos, superando as velhas ideias e opiniões que formamos sem reflexões, desconsiderando a realidade do outro”.

Considerando essa dialética do autoconhecimento, a “Educação Sexual” tem como objetivo informar questões inerentes a esse assunto, auxiliando também para que diversos delitos não sejam cometidos pela ignorância, carranquismo ou até mesmo desinformação.

Toda via, essa discussão em torno da Educação Sexual, não resulta em uma conclusão unânime e consensual entre as várias abordagens surgidas e desencadeadas nos debates atuais, o que permite, que o assunto permaneça na pauta e mantenha o seu vigor. Atualmente, o campo educacional tem constantemente colocado em debate essa temática da educação sexual, a tal ponto que a incluiu nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) como um dos temas transversais a serem contemplados na abordagem escolar, tal fato configura uma legitimidade necessária das questões sexual a serem abordadas em sala de aula não como disciplina específica, mas como conteúdo pertinente e necessário na conjuntura educacional.

Que segundo Salvalaggio (2005):

Isso denota o reconhecimento oficial da relevância da discussão em torno do tema da sexualidade, o que, historicamente, representa uma mudança significativa no estabelecimento das proposições educacionais, uma vez que, até muito recentemente, a posição corrente era de evitação quanto à abordagem desta temática, pois desconsiderava a inevitabilidade de sua emergência nos diferentes campos relacionais da experiência humana, dentre eles, o campo educacional ( SALVALAGGIO 2005, p. 06).

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo compreender a trajetória da educação sexual em seu contexto histórico, sócio e político desde o século XIX até os dias atuais. Através de uma pesquisa bibliográfica foi feita uma análise dos fatos que marcaram a produção discursiva e as práticas pedagógicas da educação sexual no cenário nacional, bem como destacamos os intelectuais sergipanos que nas décadas de 1920 à 1960 defendiam e acreditavam na coeducação.

## 2. DESENVOLVIMENTO

De acordo com alguns levantamentos bibliográficos feitos dentro desta perspectiva histórica, constatamos que as primeiras preocupações explícitas em relação à educação sexual de crianças e jovens no Brasil tiveram lugar nos anos vinte e trintas do século XX. Nesse momento a educação sexual já era uma preocupação para médicos, intelectuais, professores e professoras que então povoavam o universo educacional brasileiro. Segundo Maria Rita de Assis César em seu texto publicado na revista Educar, Curitiba, n.35, p. 37-51, 2009.

Era um processo de escolarização à disciplinalização dos corpos de crianças e jovens, o sexo bem educado como assim era chamado passou a ser uma fundamental ferramenta para os educadores mesmo sem ainda ser instituída como disciplina (CÉSAR,2009, p.37).

No entanto, o início marcante da compreensão sobre a diversidade sexual e a preocupação com a sexualidade nas escolas, acontece remotamente na

Europa e em suas colônias espalhadas pelo mundo no século XIX, quando a vida regrada dos colégios estabeleceu um conjunto de regras sobre o corpo de jovens e crianças.

De acordo com os relatos da Professora Maria Rita (revista Educar, Curitiba, n.35, p. 37-51, 2009.). A partir de uma perspectiva ancorada nos conceitos de Michel Foucault, especialmente as noções de dispositivo da sexualidade e biopolítica, analisou-se essa produção discursiva e institucional acerca da sexualidade. Mais contemporaneamente, procurou-se demonstrar as (in) compreensões sobre a diversidade sexual por meio de questionamentos oriundos da teoria *queer*.

Michel Foucault descreveu os colégios europeus do século XVIII como verdadeiras maquinarias em permanente estado de alerta.

O espaço da sala, a forma das mesas, o arranjo dos pátios de recreio, a distribuição dos dormitórios [...], os regulamentos elaborados para a vigilância do recolhimento e do sono, tudo fala da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças (FOUCAULT, 1984, p. 30).

Diante desse contexto é importante entendermos que a educação sexual esteve em curso desde os últimos três séculos. No Brasil especificamente em 1922 através da reforma educacional idealizada pelo grande intelectual da época: Fernando de Azevedo, o qual após responder a um inquérito promovido pelo Instituto de Higiene da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo sobre educação sexual destaca a importância do ensino da matéria para o “interesse moral e higiênico do indivíduo e para o interesse da raça” (MARQUES, 1994). Dado aí o primeiro passo inicial para educação sexual como o objeto de ensino nas escolas brasileiras.

Segundo Souza, 2002 *apud* César, 2009, p. 40. Em 1933 na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, foi fundado o Círculo Brasileiro de Educação

Sexual, o qual editou um periódico denominado Boletim, que se tratava de um meio de debate e objetos de discussões sobre sexo e as práticas sexuais. Neste período histórico e político, é notório, que estes debates em defesa da educação sexual nas escolas brasileiras se dava meramente por meio de pressupostos higienistas e eugênicos. O que nos leva ao entendimento, que em meio a essas perspectivas bem estabelecidas, a fala da sexualidade e não o seu silêncio constituiu-se como fator importante no discurso educacional brasileiro.

Se relacionarmos o processo de escolarização à disciplinarização dos corpos de crianças e jovens, veremos que a educação do sexo encontrou seu lugar privilegiado na escola desde muito cedo. Assim, o “sexo bem educado” se apresentou como parte fundamental do processo de escolarização, mesmo que este não tenha sido abordado sob a rubrica de uma disciplina específica, pois a regulação do sexo de crianças e jovens nas escolas foi uma tônica na conformação da pedagogia moderna.

Tais conceitos e processos relacionados a cima, fizeram com que, as instituições escolares em nosso país entrassem em constante transformações durante todo o século XX. Que de acordo com CÉSAR (2009, p. 40) “essas Instituições se portavam ora conservadoras, ora revolucionárias, ora progressistas, ora liberais”.

Mas é nos anos 60 em meio aos movimentos feministas, gays e lésbicas e as reivindicações étnico-raciais que a produção discursiva e as práticas pedagógicas da educação sexual passa a ser de caráter importante no Brasil, marcando assim um período de renovação pedagógica que se deu um pouco antes da ditadura militar.

Neste novo período destacam-se as escolas de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Este movimento de renovação constituem as primeiras

ressonâncias daquilo que será uma crítica educacional formulada em vários continentes. No Brasil, Paulo Freire será o nome principal.

Entre os europeus podemos destacar os nomes de: Louis Althusser, Pierre Bourdieu, Jea-Claude Passeron, Basil Bernstein e Michel Yourg, os economistas norte-americanos Samuel Bowles e Herbet Gints e o canadense Willian Pinar em 1973.

Na segunda onda sexual brasileira como assim ficou conhecida, os discursos pedagógicos deram início o que podemos chamar de organização de programas para educação sexual em conexão com as novidades pedagógicas e curriculares de então. É neste cenário que as escolas paulista: Escola de Aplicação da Universidade de São Paulo e os Colégios Pluricurriculares destacam-se por suas experiências desenvolvidas especificamente voltadas para educação sexual, as quais juntamente com as demais experiências pedagógicas também em desenvolvimento por estas instituições mencionadas foram reprimidas e suprimidas pela ditadura militar.

Mesmo assim, o interesse crescente ela educação sexual entre os (as) educadores, fizeram com que a deputada federal Júlia Steimbruck, em 1968, apresentar um projeto de lei propondo a introdução da educação sexual obrigatoriamente nas escolas primárias e secundárias do nosso país (WEREBE, 1998, p.173).

Em 1965 início da ditadura militar, uma portaria do secretário de Estado dos Negócios da Educação do Estado de São Paulo proibiu que professores do ensino secundário, em especial os de Biologia e de Sociologia, exporem nas escolas temas sobre a sexualidade e sobre a contracepção (WEREBE, 1998, p. 174).

Como já sabemos, o regime de controle e moralização dos costumes imposto pela ditadura militar associado as correntes conservadoras da igreja católica, fizeram com que a educação sexual fosse definitivamente banida de qualquer discurso pedagógico por parte do Estado bem como qualquer iniciativa

escolar sobre esse tema seria suprimida com rigor. Segundo os relatos da Professora Maria Rita:

As iniciativas que conseguiam resistir e burlar o controle se tornaram experiências de resistência e, nas décadas seguintes, a educação sexual foi tomada como um dos marcos educacionais das lutas pela democratização do país. CESAR (2009, p. 41 ).

Neste contexto, as escolas foram tomadas como o lugar privilegiado dos processos de redemocratização e a educação sexual como uma proposta libertadora dos corpos, das mulheres e sujeitos. Os debates sobre gêneros ou feminismo apareceram como parte de um projeto de escola e de educação que se instaurou nas bases das lutas pela redemocratização do país. É nesta conjuntura que os movimentos feministas e suas reivindicações associados a educação sexual instaurados como base de lutas começam a produzir algumas práticas pedagógicas de educação sexual no Brasil.

Em Sergipe, nas décadas de 1920 a 1960, a educação sexual foi marcada pela presença de quatro professores: o médico Helvécio de Andrade, a médica Ítala Silva de Oliveira, o professor Nunes Mendonça e o médico Garcia Moreno. O médico Helvécio de Andrade, foi docente e diretor da então Escola Normal em Aracaju nas décadas de 1920 e 1930; em suas aulas de História Natural e depois higiene e saúde geralmente abordava temas direcionados a anatomia e a fisiologia do corpo humano. Sempre muito cuidadoso ao abordar tais assuntos, o professor Helvécio mesmo concordando na fragilidade e delicadeza das meninas e que os meninos deveriam cuidar e entendê-las desde cedo, acreditava que turmas mistas em sala de aula promoveriam uma igualdade entre os sexos, essa posição gerou ao mesmo várias confusões a coeducação por ele defendida.

A professora Ítala Silva, segundo FREITAS, 2003, p.149. Via na educação sexual uma maneira de confirmar as práticas sociais em torno do amor-casamento e do sexo-procriação, tão propalado por médicos e intelectuais nas primeiras décadas do século XX. Ítala foi professora da Escola Normal no ano de 1919, médica Obstetra formada em

Salvador-Bahia. Foi justamente a partir do contato com a medicina que se interessou pela educação sexual.

Segundo MELO (2004, p.25) Pesquisando e defendendo sua tese de doutoramento com o título “Sexualidade e Educação Sexual” trouxe à tona a discussão sobre a educação sexual na escola e na família, para os dois gêneros, como uma forma de evitar desvios de conduta.

Além de contribuir diretamente a discussão científica nas questões educacionais e a sexualidade, em sua tese evidenciou em vários trechos o papel dos pais, da escola e dos médicos no esclarecimento e na formação de homens e mulheres. Ítala acreditava que a educação sexual das moças garantia estabilidade no casamento, a professora também defendia a coeducação afirmando que no futuro, quando casados, homens e mulheres pudessem compreender a importância de dividir experiências.

Nunes Mendonça foi um professor com um comportamento ousado e irreverente, ingressou na Escola Normal em 1955, como professor interino de Pedagogia, em 1958 foi aprovado em concurso para exercer o cargo de Assistente Técnico e em 1962 concorre à cátedra (cadeira professoral) de Pedagogia, o qual foi aprovado! Muito à frente de sua época, Nunes Mendonça escandalizava a sociedade com suas “aulas vitais” na Escola Normal. De acordo com SOUZA (2003, p.70) “Essas aulas ocorriam uma ou duas vezes por mês e tinham o objetivo de responder as perguntas formuladas pelas alunas, sobre qualquer assunto que lhe indagassem”.

Além de se sentar no corredor da escola com suas alunas para esclarecimentos extras o professor Nunes Mendonça utilizava-se de material didático com ilustrações, tais comportamentos lhes rendeu vários comentários horrendos dos/as colegas e de suas alunas, que apesar de reconhecerem como necessárias as informações, as repudiavam por conta dos preceitos morais da época, afirma MARTINS (2011,p.39). Nunes Mendonça foi aposentado

compulsoriamente em 1964 devido a toda essa problemática, a qual extrapolou os muros da escola, trazendo-lhe transtornos irreparáveis.

O professor de Medicina Legal da Faculdade de Direito e da Faculdade de Medicina de Sergipe Garcia Moreno, defendia o ensino de sexologia com uma postura sempre clara e objetiva, além de utilizar recursos visuais (MELO, 2004,p.31). O mesmo foi de grande importância ao dar seus pareceres favoráveis as aulas do professor Nunes Mendonça, que enquanto a maioria criticava, Garcia Moreno não só apoiava como também justificava sua prática didática.

Segundo MARTINS (2011, p. 39) O fato dos professores Helvécio Andrade e Garcia Moreno serem médicos e respeitados pela sociedade sergipana daquela época, possibilitou-lhes autoridade diante de seus/suas alunos/as para abordarem tais assuntos sobre sexualidade, o que de fato não aconteceu com o professor Nunes Mendonça.

Mesmo a meio a todas essas confusões, a visão desses professores e da professora Ítala Silva, era de uma educação sexual biologizante e moralista, típica da época em que eles viveram.

Nas décadas de 1970 e 1980, nas lutas contra a ditadura, as experiências e projetos de educação sexual estiveram fortemente ligados a intelectuais feministas como Carmem Barroso e Cristina Brusquini. Entretanto, a ligação entre a educação sexual e o movimento feminista produziu apenas marcas leves nas práticas pedagógicas de educação sexual no Brasil, as quais logo desapareceram. Tais obras cercavam a luta contra o patriarcado e a hierarquia de gênero que diretamente favoreciam os ideais defendidos pelos os então grupos conservadores e religiosos da Igreja Católica, que tinham como base o homem chefe absoluto da família. É neste contexto político e social que tanto as práticas pedagógicas como o feminismo na medida em que desapareceram como epistemologia direcionaram a educação sexual a outra configuração discursiva, congregando ideais de resistência e conduzindo ao campo específico da saúde.

De acordo com CÉSAR (2009, p. 42)

No início dos anos 80, o discurso da saúde e da biologia ocupava por completo esse espaço “epistemológico”. Em uma pesquisa realizada em fontes documentais da secretaria municipal de educação do município de Curitiba-PR, a educação sexual já é pensada nos anos de 1970 tendo em vista a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e curiosidades sobre a reprodução e fisiologia humana, incluída nos procedimentos pedagógicos sobre o planejamento familiar.

Com o advento da problemática das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), do contágio do HIV e da gravidez na adolescência nos anos 90. A escola passou a ser um espaço fundamental para propagação de informações sobre o “sexo seguro”, neste cenário, alguns especialistas passaram a tratar o assunto como um problema pedagógico importante.

A partir desse momento, o discurso da sexualidade nas escolas brasileiras foi definitivamente colonizado pela ideia de saúde e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e da gravidez na adolescência, tomadas como sinônimo de problema de saúde física e social. O tema da prevenção foi assumido de maneira tão definitiva que os programas estabeleceram uma conexão direta com outro problema que deveria ser debelado no interior da instituição escolar, isto é, o uso de drogas. Assim, projetos como prevenção de DST/AIDS, gravidez e uso de drogas foram desenvolvidos com base na ideia de prevenção como paradigma do discurso sobre a educação sexual. CÉSAR (2009, p. 42).

Dando continuidade a esses relatos históricos da educação sexual no Brasil, é justamente neste ano de 1990 que no conjunto de reformas educacionais, o governo brasileiro produz um importante documento denominado de PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) que passou a ser o marco para a solução de grande parte dos problemas educacionais no Brasil. O referido documento também fez parte bem como resposta das conquistas na Constituição de 1988, dos temas oriundos dos movimentos sociais.

Inspirada pela reforma educacional espanhola organizada pelo partido popular, ultraconservador, no início dos anos 90, a educação brasileira tomou para si a concepção dos temas transversais e instituiu a educação sexual como um dos temas a serem trabalhados nos PCNs. O fascículo sobre o Tema Transversal Orientação Sexual, publicado em 1997, consolidou definitivamente a escolarização de uma educação do sexo. CÉSAR (2004 apud 2009, p.42).

Com a então implantação dos Parâmetros Curriculares Nacional, deu início em nosso país uma explosão de pesquisas com o tema sexualidade. São várias as pesquisas sobre as concepções ou como profissionais e jovens veem a e suas interfaces como, por exemplo, Guimarães (1992), UNAIDS (1997), Pinheiro (2000), Rena (2003), Melo (2004), Maia (2005b), Unicef (2007), Bastos (2008), Barreto (2009) e Kawata; Nakaya; Figueiró (2010). Foram publicados vários livros tratando da formação de professores e das questões da sexualidade e educação sexual, a exemplo de Ribeiro (1990), Louro (1997, 2000, 2005), Werebe (1998), Picazio (1999), Figueiró (2001, 2006, 2009b), Nunes; Silva (2006), Azevedo; Guerra [200?]. Assim como vários livros voltados para a educação sexual de crianças e adolescentes, como os de Suplicy (1999), Marcos Ribeiro (2001, 2005, 2009).

Segundo análise feita sobre o PCNs, demonstram que no texto a orientação sexual assume uma abordagem preventiva na construção de uma forma ideal de sexualidade.

Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano. Engloba o papel social do homem e da mulher, o respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos, o avanço da AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outros, que são problemas atuais e preocupantes (BRASIL, 2000, p. 107).

As questões apontadas dentro do texto dos PCNs como o caráter delicado ou dificuldade do tema, advêm de uma norma social produzida no interior da sexualidade extremamente heterossexual, que de certa forma produz uma grave confusão entre a verdadeira ideia do que seja gênero sexual.

Sendo assim, a comunidade escolar tanto do século passado como nos momentos atuais, influenciada pelas várias questões tradicionais e preconceituosas, continuam na maioria das vezes negando a existência de alunos homossexuais e bissexuais em suas unidades de ensino. Tais relevâncias demonstram que, se a presença de alunos e alunas homossexuais dentro da escola já é um incômodo, então, a experiência da transexualidade se torna verdadeiramente insuportável do ponto de vista escolar, causando um certo desconforto o qual certamente levará o afastamento desse corpo estranho e indesejável e passando a ser mais um dispositivo para evasão escolar que cresce desordeiramente, principalmente nas escolas de caráter pública e periférica.

### 3. CONCLUSÃO

Quase um século depois das primeiras tentativas de organizar um programa de educação sexual nas escolas brasileiras, o “sexo bem educado” certamente não pertence mais ao universo positivista e eugenista das primeiras décadas do século XX. O novo “sexo bem educado” passou agora a ocupar territórios vizinhos, como a ideia de sexo responsável, sexo saudável e sexo seguro. Assim, podemos dizer que uma “epistemologia” da saúde, da responsabilidade e do binômio risco/segurança vem produzindo uma educação sexual definida por uma ideia específica sobre o bem viver no cenário educacional contemporâneo, e tendo por objetivo específico delimitar parâmetros sobre a vida e a felicidade. Diante dessas abordagens percebemos que a educação sexual seguiu rumos epistemológicos diversos, como a psicologia do desenvolvimento, a sociologia das representações sociais e a própria fisiologia da saúde, e mesmo a

meio à tanto avanço continuamos nos esbarrando diariamente aos meros conceitos conservadores e exclusivista dos séculos passados.

### REFERÊNCIAS

BARRETO, Mônica Ismerim. **Como vêm, o que pensam, como agem os professores e professoras de ciências do município de Aracaju frente à homossexualidade**. 2009. 150 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão-SE, 2009.

BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. **Educação Sexual: debate aberto**. Petrópolis: Vozes, 1982.

BASTOS, Cristiane Soares. Sexualidade na 1ª série: é possível? In: SILVA, Fabiane Ferreira da; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira (Org). **Sexualidade e Escola: Compartilhando Saberes e Experiências**. Rio Grande: FURG, 2008, p. 155-159.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: Introdução aos Parâmetros Curriculares**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual** / Secretaria de Educação Fundamental. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BRUSQUINI, Carmem; BARROSO, Cristina. **Caminhando juntas: uma experiência em educação sexual na periferia de São Paulo**. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 45, 1983.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado. Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.  
CÉSAR, Maria Rita de Assis. **Da escola disciplinar à pedagogia do controle**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Unicamp, 2004.

CÉSAR, M. R. de A. **Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”**. *Revista Educar*, Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009. Editora UFPR.

COSTA, Paula Regina Ribeiro; SOUZA, Diogo Onofre. **Falando com professores das séries iniciais do ensino fundamental sobre sexualidade na sala de aula: a**

presença do discurso biológico. **Enseñanza de las Ciencias**, Barcelona, v.21, n.1, Volume Extra, p. 67-75, 2003.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. A produção teórica no Brasil sobre educação sexual. **Cadernos de Pesquisa**, n 98, p. 50-63, agosto/1996. [Online].

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GUIMARÃES, Carmem Regina Parisotto. **O descaso em relação à educação sexual na escola**: estudo de manifestações de futuras professoras de 1ª a 4ª série do 1º grau. 1992. 231 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1992.

KAWATA, Heloísa de Oliveira; NAKAYA, Karem Mayumi; FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Reeducação Sexual: percurso indispensável na formação do/a educador/a. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 11, n. 01, p. 85 – 111, jan. / jun. 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho. Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

KAWATA, Heloísa de Oliveira; NAKAYA, Karem Mayumi; FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Reeducação Sexual: percurso indispensável na formação do/a educador/a. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 11, n. 01, p. 85 – 111, jan. / jun. 2010.

\_\_\_\_\_. Currículo, Gênero e Sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico” In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2005, 41- 52.

MARTINS, Claudete. **Educação sexual nos anos iniciais do ensino fundamental: concepções e práticas** / Claudete Martins. – São Cristóvão, 2011. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Núcleo de Pós- Graduação em Ensino de Ciência e Matemática, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2011.

MELO, Marcos Ribeiro de. **Educação Sexual de Deficientes Mentais**: experiências de professoras do ensino fundamental em Aracaju. 2004. 114 p.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão-SE, 2004.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade In: LOURO, Guacira Lopes (Org). **O Corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 125-150.

PICAZIO, Cláudio. **Sexo Secreto**: temas polêmicos da sexualidade. São Paulo: Summus, 1999.

PINHEIRO, Veralucia. Silêncio e violência: a educação de crianças vítimas de abuso sexual na família. **23ª Reunião da Anped**. GT14, 2000.

WEREBE, Maria José Garcia. Implantação da Educação Sexual no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**. Nº 26. 09/1978, p. 21-27.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Educação Sexual Além da Informação**. São Paulo: EPU, 1990.

RIBEIRO, Hugues Costa de França. Direitos humanos, direitos sexuais e as minorias sexuais In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org). **Educação Sexual: Múltiplos Temas, compromissos comuns**. Londrina: UEL, 2009, p. 13-37.

RIBEIRO, Marcos. **Menino brinca de boneca?** Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.

SALVALAGGIO, Verônica de Fátima. **Educação sexual** – Curitiba: IESDE, 2005.

SOUZA, Josefa Eliana. **Nunes Mendonça**: um escolanovista sergipano. São Cristóvão: UFS, 2003.

SUPLICY, Marta. **Papai, mamãe e eu**: o desenvolvimento sexual da criança de zero a dez anos. São Paulo: FTD, 1999.

UNAIDS. **Impact of HIV and sexual health education on the sexual behaviour of young people**: a review update. Joint United Nations Programme on HIV/AIDS: 1997.

UNICEF. **Passo a passo para o direito a ter direito**: Construindo o plano municipal de enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes. Fórum Cearense de Enfrentamento da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes. Ceará, 2007.